

101.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 98.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 45.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR – 11.11.2019

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Palavras do Presidente da Liga dos Combatentes TGen Joaquim Chito Rodrigues, no Dia do 101º aniversário do Armistício da GG evocado a 11 de Novembro de 2019, no Museu do Combatente, Passeio João Jayme Faria Affonso, Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Belém.

Exmo Senhor CEMGFA, Almirante Silva Ribeiro

Os nossos agradecimentos por mais uma vez estar connosco e se dignar presidir a esta centenária e significativa cerimónia nacional. Cerimónias locais decorrerão por todo o país e no estrangeiro, organizadas pelos nossos Núcleos com o apoio das Forças Armadas.

As nossas saudações e agradecimentos, na sua pessoa, a todos os Chefes de Estado-maior dos Ramos, pela compreensão, e permanente apoio, que garantem à Liga dos Combatentes. Uma palavra muito especial para a acção que, em conjunto, e a seu convite, tivemos oportunidade de realizar em Timor, no âmbito do Programa Conservação das Memórias. Também o espaço onde nos encontramos foi enriquecido, no ano em curso, por iniciativa da Liga dos Combatentes, com a inauguração de um monumento às Missões de Paz, mas, para o qual, com o apoio de Vª Exa, as Forças Armadas e de Segurança contribuíram decisivamente. O nosso muito obrigado.

Exma senhora Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes Dra Catarina Castro

A nomeação de V. Exª para uma função em que publicamente se transmite à população portuguesa e aos combatentes, uma preocupação expressa do governo e MDN, relativamente aos antigos combatentes, é por si só, motivo de satisfação e esperança de diálogo aberto e profundo que conduza à resolução efectiva de problemas que afectam o nosso universo e suas famílias.

Por parte da Liga dos Combatentes garantimos a Vª Exª uma posição, fundamentada numa história centenária, de total e sempre leal colaboração e cooperação relativamente a todos os assuntos sobre os quais tenhamos de nos pronunciar, muito especialmente quando estiverem em causa, os nossos membros, as nossas estruturas sociais, de apoio à saúde, de apoio à cultura ou patrimoniais. As maiores felicidades no desempenho da sua missão.

Exmo Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém Dr Fernando Rosa

Chefe de Estado-Maior do Exército Gen José Nunes da Fonseca

Chefe de Estado-maior da Força Aérea General

António Borrego

Exmo Senhor Vice Chefe de Estado-Maior da Armada V/Alm Jorge Novo Palma

Representante do general Comandante da GNR

Representante Director Nacional da Polícia de Segurança Pública

Exmo Professor Dr. Adriano Moreira

Exma Senhora Embaixadora de França madame Florence Mangin merci bien pour votre presence, Senhor Embaixador de Angola Dr. Carlos Alberto Fonseca as nossas

felicitações pela efeméride que Angola hoje celebra, e representantes dos Senhores Embaixadores de países amigos presentes

Exmos Senhores Almirantes senhores Generais e

Dirigentes do Ministério da Defesa Nacional

Adidos de Defesa de países amigos

Exmos Senhores Presidente da ANT/TRN de França, general Presidente da FACVPA de Angola, Souvenir Français e British Legion

Presidentes e representantes de Associações de Combatentes e da Cruz Vermelha Portuguesa

Membros do Conselho Supremo, Direcção Central e Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes Entidades civis militares e religiosas

Caros Combatentes e militares em formatura Minhas senhoras e meus senhores

Hoje, não é dia do Combatente. Hoje, evocamos ainda mais do que isso. Hoje, celebramos a Paz. Situação que os combatentes amam mais do que ninguém.

Num momento em que se evoca o 101º aniversário do Armistício da Grande Guerra e se encerram as evocações do centenário dessa mesma guerra, com a celebração do regresso das tropas portuguesas do CEP a Portugal, é momento para também recordarmos que foi precisamente, após o regresso das tropas do CEP que um grupo de combatentes pensou em organizar-se para apoiar os seus camaradas regressados da guerra. Há precisamente 100 anos, em 1919, nascendo daí a LCGG. Celebramos hoje os 98º aniversário da sua fundação.

Ninguém suspeitaria que, 56 anos após o regresso do CEP, regressariam, a Portugal, as ultimas tropas de entre os cerca de um milhão de homens que, durante 21 anos, em conflito aberto, se bateram na guerra do ultramar de 1954 a 1975.

Evocamos assim também hoje os 45 anos do fim da guerra do ultramar. A guerra em que muitos de nós tivemos que participar.

Ao iniciarem-se dentro de dois anos as comemorações do centenário da fundação da Liga dos Combatentes (1921), 1ª Assembleia Geral (1923) e oficialização (1924), período durante o qual devemos recordar a Historia do seu primeiro centenário, parece ser oportuno transmitir-vos uma palavra sobre o o presente, passado e a minha visão estratégica sobre o futuro.

O ano em curso caracterizou -se pelo aprofundamento da abrangência e pelo cumprimento estatutário da promoção do Prestígio de Portugal, designadamente através de acções de intercâmbio com associações congéneres estrangeiras. Estabelecemos relações com a Federação de Antigos Combatentes e Veteranos da da Pátria em Angola, como estabelecemos com a Associação de Veteranos da Luta de Libertação Nacional de Moçambique e da Guiné. Aderiram já à Liga dos Combatentes, como nossos Núcleos, as Associações de Richebourg, Roubaix e do Comité Sousa Mendes em Bordeus, bem como as Associações de Combatentes de Winnipeg, Toronto e Montreal. Continuámos, no ano em curso, o intercâmbio com a Real Hermandade de Veteranos das Forças Armadas e Guarda Civil de Espanha. Temos connosco como é tradição a Souvenir Français e a British Ligeon.

Hoje, estabeleceremos a geminação protocolar com a Associação Nacional dos Titulares do Título de Reconhecimento da Nação de França, de quem temos a honra de

ter connosco o seu Presidente Alan Coupérie. Connosco também o General Ludgerio Peliganga Presidente da FACLPA de Angola.

Ainda no exterior criámos, o Núcleo da LC de Macau/China, o Núcleo da Califórnia, nos EUA, onde igualmente foi inaugurado, em Turlok, um monumento de homenagem aos Combatentes por Portugal, e estivemos em Timor no âmbito do Programa Conservação das Memórias, contactando com Veteranos da Luta de Libertação Nacional de Timor e com militares portugueses, lançando as raízes para um Núcleo da Liga dos Combatentes naquele país.

A Liga dos Combatentes é hoje uma instituição com prestígio nacional e internacional que promove o prestígio de Portugal no estrangeiro e está representada em quatro continentes.

Minhas senhoras e meus senhores

Ao assumirmos a presidência Liga dos Combatentes, (2003) a nossa visão da sua missão, após a interpretação dos Estatutos, foi a de que era possível garantir a perenidade da Liga dos Combatentes havendo para isso que trabalhar para, activando e renovando a sua imagem, tornar a Liga útil, visível e credível, ao serviço do país e dos seus membros.

Partimos assim para uma reforma estruturante que designámos por “imagem renovada”.

Reforma que tem sido conduzida através de várias componentes.

Reforma das mentalidades, do sentido simbólico, dos conceitos de actuação.

Nomeadamente no âmbito da Solidariedade, da Cultura Cidadania e Defesa, Cuidados de Saúde e Apoio Social, Conservação das Memórias, Inovação e Modernização, Passagem do testemunho, enfim do próprio sistema contabilístico e financeiro.

No ano em curso iniciámos a automatização de toda LC com o Sistema Primavera, prevendo-se que entre em funcionamento em 2020.

Criámos um novo QO do Pessoal, definindo categorias e tarefas e foi possível efectuar um aumento generalizado dos funcionários.

Continuamos a aumentar o número de Núcleos e de Sócios.

É importante que sintamos que durante os últimos anos foi possível com o apoio de todos, dirigentes, técnicos, funcionários e membros da Liga dos Combatentes, realizar uma profunda Reforma Estruturante da centenária Liga dos Combatentes, renovando a sua imagem.

Hoje, afirmamos que para além da Direcção Central e Núcleos e Serviços Administrativo-Logísticos, a Liga dos Combatentes passou a ter Estruturas de Apoio Social, Estruturas de Apoio à Saúde, Estruturas de Apoio à Cultura e Estruturas Patrimoniais.

A Liga dos Combatentes mantém-se numa fase de crescimento, com os objectivos a curto prazo já conhecidos.

Passámos de 64 para 120 Núcleos e Delegações o que significa que criámos uma nova Liga com mais, até agora, 56 núcleos.

Passámos de zero para 14 núcleos ou delegações no estrangeiro.

Passámos de 350 para cerca de 690 dirigentes voluntários ou seja mais 340 dirigentes. Registou-se nos últimos anos a inscrição de mais 37 000 sócios, com uma média de 2500 sócios por ano, embora predamos, por morte cerca de 600 anualmente.

No âmbito do pessoal, passámos de 29 funcionários para 120 funcionários, com a criação das residências, e do Museu do Combatente, não incluindo, os cerca de 60 técnicos dos CAMPS.

Fomos e somos criadores de postos de trabalho e prestadores de serviços ao país, agora com Estruturas Sociais, de Apoio à Saúde e Estruturas Culturais e Patrimoniais.

Enfim, somos uma Instituição útil ao país e em particular aos seus membros, como reza o nosso estatuto, com esperança fundada na nossa perenidade.

Esse, o nosso Objectivo estratégico de Longo Prazo.

Esse, o sonho da Liga dos Combatentes que é o sonho dos seus Membros

O sonho da Liga dos Combatentes materializa-se projectando a sua história centenária no presente e suas circunstâncias, criando e prospectando as condições necessárias à sua Perenidade no futuro.

Este objectivo será alcançado, se no presente estudarmos a nossa história, não fugirmos às dificuldades do presente e acreditarmos que o futuro exigirá o cumprimento de uma missão histórica de longo prazo, com o permanente enfrentar de novos desafios, o ultrapassar de grandes obstáculos e contradições.

Este sonho exigirá forte liderança, coragem, informação e adesão permanente dos seus Membros, a novas características históricas.

As novas características históricas da Liga dos Combatentes estão em linha com a sua própria história

A Liga dos Combatentes percorreu uma trajectória de longa duração e comemorará o centenário da sua fundação em 2021.

Avançámos com a História e o Tempo e tivemos um século XX brilhante.

Iniciámos o séc. XXI, enfrentando condições históricas novas que nos conduziram à implantação de uma gestão moderna e reformista capaz de criar condições à materialização deste objectivo:- a Perenidade da Liga dos Combatentes.

A História do séc. XX da Liga dos Combatentes, embora brilhante ao garantir apoios e a sua sobrevivência, viveu períodos distintos em que ao consolo dos êxitos obtidos, se opuseram dificuldades que só a força dos seus objectivos e dos seus dirigentes e Membros permitiu superar.

O final do século XX veria morrer o último combatente da GG, veria nascer os novos combatentes das Operações de Paz e o ano 1975 deixaria no seio da Sociedade Portuguesa cerca de um milhão de Homens que fizeram a guerra do Ultramar.

A reorganização sistemática das Forças Armadas que conduziu à redução de cerca de 250 000 efectivos em 1974 para 30 000 em 2019, bem como a redução dos Combatentes do Ultramar, por efeitos da ditadura do tempo, conduziu a novas características históricas do universo dos Membros da Liga dos Combatentes.

O Séc. XXI, a manterem-se as condições de Paz em Território Nacional e a realização de Operações de Paz e Humanitárias com as características até agora realizadas, aparecer-nos-á igualmente o desaparecimento progressivo dos Combatentes da Guerra do Ultramar até 2050.

O Universo dos Membros da Liga dos Combatentes será então, como hoje, encontrado nos Combatentes das Forças Nacionais Destacadas, nos Membros das Forças Armadas, dos três Ramos, nas Forças de Segurança (PSP e GNR), nos familiares destes e nos cidadãos portugueses que se revejam nos objectivos da Liga dos Combatentes, já hoje claramente mais abrangentes no apoio à Paz, na promoção da segurança e na luta pelos Direitos do Homem, como preconiza a FMAC.

Os Objectivos Patrióticos e Humanitários ao Serviço dos Combatentes e dos Cidadãos continuam estatutários.

A História avança e não espera pelos fracos e indecisos.

Os Membros da Liga dos Combatentes que lhe deram vida no Século XX merecem dos que continuam a sua História no séc. XXI, que persistam com determinação no nobre ideal de longo prazo por eles encetado e projectem no séc. XXI, uma nova Liga dos Combatentes, útil ao País e seus Membros, visível e cada vez mais credível, na sua acção patriótica, humanitária e de defesa da Paz, dos Direitos do Homem e da Segurança.

Este ideal exige convicção e confiança dos dirigentes que deverão manter informados e aderentes, todos os Membros da Liga dos Combatentes, devendo estes ser firmes seguidores e pioneiros da sua continuação.

Os primeiros vinte anos do séc. XXI, anos de Reforma da Liga dos Combatentes em curso, são o testemunho de que é possível construir a Perenidade da Liga dos Combatentes, com as novas características Históricas e as novas características dos seus Membros, Hoje, já mais de 50% dos Núcleos têm Membros que participaram em Operações de Paz e Humanitárias.

Minhas senhoras e meus senhores

A Liga dos Combatentes viveu no séc. XX três períodos políticos que directas ou indirectamente condicionaram a sua História.

Desde a sua fundação, 1921 a 1936, data a partir da qual após o estabelecimento do Estado Novo e com Salazar na pasta da Guerra, se fez sentir uma intervenção na vida da Liga e que se prolongaria até 1974, e o período após 1974 até aos nossos dias.

O primeiro período de cerca de catorze anos é um período de nascimento e procura da credibilidade à qual, depois de obtida, é fortalecida com a herança dos valores morais e materiais da Junta patriótica do Norte, da Cruzada das Mulheres Portuguesas e da Comissão dos Padrões da Grande Guerra.

O período sob a influência do Estado Novo, retirou à Liga dos Combatentes liberdade de acção e trouxe ao seio da Liga dos Combatentes interferências políticas que tentaram condicionar a sua acção e até a sua vida.

Filipe Ribeiro Menezes, no seu escrito “ Os Limites do Salazarismo, o exército e as comemorações da Grande Guerra”, demonstra claramente a atitude negativa de Salazar para com a participação portuguesa na Grande Guerra: não assistiu uma única vez, enquanto ministro da guerra, de 1936 a 1944 às cerimónias de 9 de Abril e 11 de Novembro. Nunca tal tinha acontecido antes, nem aconteceu depois. Salazar determinou mesmo em 1941 que deveriam ser canceladas por completo as cerimónias de 9 de Abril e 11 e Novembro. Determinou mesmo à censura que não deveriam ser publicadas notícias sobre esses eventos. As cerimónias foram reduzidas de 1941 a 1943, mas não terminaram. Os combatentes e as forças armadas deram-lhe vida e em 1945 com a remodelação do governo a imprensa voltou a noticiar as cerimónias.

Mas só o ano de 1974 traria novos horizontes no que se refere à liberdade democrática da Liga dos Combatentes e sua dependência autónoma do Estado.

Até finais do século XX porém a Liga dos Combatentes, por comportamentos circunstanciais e não históricos, foi pelos novos políticos, erradamente ligada ao anterior regime.

Regime que a recebeu e muitas vezes para ela olhou como um grupo perigoso e a extinguir. Organização nascida de baixo para cima e batendo-se por valores superiores, tudo superou e de facto, é hoje, de acordo com os seus estatutos, uma Instituição patriótica, humanitária e apartidária, sem quaisquer conotações políticas ou religiosas. Importa pois ter a capacidade de procurar descobrir os melhores para, com o seu talento, desenvolverem uma Liga dos Combatentes que todos desejam, capaz de estabelecer as relações amistosas, que contribuam para levar por diante a causa Nobre de promoção dos valores, da Solidariedade, da Segurança, dos Direitos do Homem e do Valor da Paz.

Contamos para isso, igualmente, com o apoio do Governo e do Ministério da Defesa Nacional.

Minhas senhoras e meus senhores

Permitam-me uma referência especial a um evento que seguidamente vai ter lugar e que é a materialização de mais um objectivo a que nos propusemos.

Em Agosto de 2007 fizemos proposta à CML para a atribuição do nome de um arruamento de Lisboa ao Fundador da Liga dos Combatentes.

Em 24 de Agosto de 2018, após ter visitado a Liga dos Combatentes o Grupo Parlamentar Municipal do PPM fez idêntica proposta devidamente fundamentada à Assembleia Municipal da CML..

A proposta foi aprovada por unanimidade e posteriormente definido pela comissão de toponímia da CML o lugar a que deveria ser atribuído o nome do fundador da Liga.

Foi agora publicado através do editorial 142/2019 onde se lê que:- foi atribuído ao arruamento ao jardim da Torre de Belém, frente ao Museu do Combatente, na freguesia de Belém, o nome de Passeio João Jayme Faria Affonso.

A Liga dos Combatentes decidiu dignificar o referido espaço e colocar ali o Busto do Fundador.

Um agradecimento à Camara Municipal de Lisboa na Pessoa do seu Presidente Dr Fernando Medina e e ao senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém Dr Fernando Rosa, o proponente, e a todos os que interferiram neste processo.

Este espaço terá assim, com este passeio, uma referência explícita à Grande Guerra, outra às Missões de Paz, com o monumento recentemente inaugurado, referências que enquadram o monumento e memorial à Guerra do Ultramar e testemunham as principais vivências militares do sec XX e XXI.

Não posso deixar de salientar que numa das lápides do monumento à GU se encontra o nome do Capitão de Cavalaria Jaime Anselmo Faria Afonso, filho de Jayme Faria Affonso e que, enquanto Comandante do Esquadrão de Cavalaria 1, morreu em combate em Moçambique, durante a operação Nó Górdio, tendo sido condecorado com a Cruz de Guerra 1ª classe e promovido a Major por distinção. A partir de hoje pai e filho encontrar-se-ão no mesmo espaço de homenagem por extraordinários serviços prestados a Portugal.

Termino como comecei. Hoje, não é dia do Combatente. É dia de todos celebrarmos a Paz. Defendamo-la a todo o custo.

Viva a Liga dos Combatentes

Viva Portugal